
Ana Lúcia Lana Nemi

Pós-doutoranda da Cátedra Jaime Cortesão

ALONSO, Ângela.

Idéias em movimento – A Geração de 1870 na crise do Brasil- Império.

Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

“Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. (...) É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. (...) e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de gênio universal, um poeta essencialmente inglês.”

(Machado de ASSIS, 1873)

O livro que agora apresento ao leitor virtual, e que sugiro busque-o rápido no agradável suporte tradicional, *Idéias em movimento – A geração de 1870 na crise do Brasil-Império* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002), é resultado da pesquisa de doutoramento de Angela Alonso. Nele a autora procurou definir a geração brasileira de 1870 a partir da sua ação coletiva em relação à dominação saquarema. Seu argumento principal, costurado em minúcia junto aos autores selecionados segundo suas opções políticas, aponta para a imbricação entre discurso e prática na conformação da atuação reformista do grupo. Neste critério político de análise acerca da formação e da presença no debate público da geração de 70 o escritor Machado de Assis, assim como os literatos em geral, não são estudados pela autora. Mas ela os leu e, por vezes, coloca-os na sua costura, especialmente a Machado e sua percepção da literatura nacional em diálogo universal. Ao longo das quase quatrocentas páginas que compõem o livro encontra-se forte e profícua preocupação em mostrar esse diálogo como fundamento do “tom polissêmico” das afirmações políticas setentistas.

Angela Alonso constrói seu argumento apontando uma perspectiva por ela considerada nova: a ênfase na dimensão política da produção e ação pública da geração de 1870. As linhagens de interpretação do movimento intelectual oitocentista que se baseiam apenas nas filiações dos autores a temas universais, ou aquelas que o explicam pela posição social dos seus membros acabam, no entender da autora, por pressupor a separação entre os campos intelectual e político e por perder o seu caráter de ação coletiva. Trata-se, portanto, de uma abordagem que traz para o primeiro plano a “experiência compartilhada”, que visa abolir a distinção “entre textos e práticas, teoria e escritos de circunstância, e privilegiar a tensão entre a obra e a experiência social de seus autores.” (IDEM, p. 38)

Dialogando com A. Swindler, Charles Tilly e Charles Hale a autora ancora o seu trabalho em três noções básicas: a estrutura das oportunidades políticas, a comunidade de experiência e o repertório de idéias ao

qual a geração de 70 nacional pode referir-se. Após enfrentar o debate metodológico que justifica o uso dessas noções na Introdução, Angela Alonso apresenta e discute no primeiro capítulo, "A sociedade imperial: valores, instituições e crise", os conteúdos do consenso saquarema, a saber, o indianismo romântico, o liberalismo estamental e o catolicismo hierárquico. O argumento de Florestan Fernandes que aponta a circunscrição da cidadania aos estratos intermediários e dominantes da sociedade, numa conciliação que alia ordem e liberdade e que mantém o povo "representado" apenas no âmbito de ação do "pater família", é estruturante no texto. O "tempo saquarema" é marcado, assim, pela instabilidade inscrita na própria ordem pretendida: a oposição consentida, representada pelo Partido Liberal, tendia a aumentar a pressão em favor da deputação geral e em detrimento das instituições de caráter vitalício (o Conselho de Estado e o Senado). No mesmo sentido, o fundamento escravista da organização social dava claros sinais de esgotamento desde a abolição do tráfico em 1850 e em função do crescimento urbano. Com as reformas do Barão do Rio Branco a elite imperial tentou enfrentar as fissuras do regime modernizando "o país sob tutela estamental" (IDEM, p. 78), mas o que se viu foi uma "modernização incompleta" e conservadora, as transformações dela decorrentes abriram uma crise na qual a sociedade reconhecida buscava ser incorporada.

Acompanhando as sugestões de S. Tarrow no segundo capítulo, "A ordem contestada", Alonso define a crise na qual se instalou o movimento de 1870: ao aumento da permeabilidade política do regime e ao declínio de sua estabilidade política correspondeu uma exposição das fragilidades do sistema que abriu espaço para que novos grupos pressionassem o arranjo político tradicional do Império. A sociedade imperial era uma sociedade de antigo regime cujos nexos hierárquicos foram quebrados com os processos de crise política e modernização conservadora e abriram espaço para mobilidades não previstas no esquema saquarema. É desta nova complexidade que emergiu o movimento de contestação político-intelectual de 1870. O que une os seus representantes, divididos pela autora em "liberais republicanos", "novos liberais", "positivistas abolicionistas" e "federalistas científicos", não é a doutrina, a origem de classe ou as instituições escolares que freqüentaram, mas a experiência comum de "marginalização em relação à dominação saquarema". (IDEM, p. 161) A autora retoma de Ilmar R. Mattos (Ilmar R. Mattos, *O tempo saquarema – A Formação do Estado Imperial*, R. J., Acces, 1994, p. 170.) a metáfora dos círculos concêntricos para explicar a situação de progressivo afastamento em relação ao núcleo central de poder político imperial em que se encontram esses grupos.

No terceiro capítulo, "Teorias para a reforma", afirmando que os textos setentistas são textos de intervenção política com dimensão geracional, a autora aponta o repertório bifronte da geração que, de um lado, incorpora teorias estrangeiras de reforma social e, de outro lado, reinterpreta as leituras nacionais. Destaque aqui para a análise da presença do 70 português, especialmente Oliveira Martins e Teófilo Braga, nos conteúdos interpretativos e de reforma propostos pelo 70 tupiniquim. O diagnóstico da "decadência" ibérica filtrado pelos autores nacionais apontava uma inequívoca "desagregação da ordem social e política legada pela colonização" e para a necessidade de acelerar as mudanças no sentido de abolir a escravidão, alargar as possibilidades democráticas e constituir um Estado verdadeiramente laico. O projeto reformista que decorre desse diagnóstico sugere um claro elitismo no qual as massas terão sua ação represada pela ação

ilustrada dos grupos marginais estudados por Angela e que se propõem como nova elite dirigente. Tanto quanto as teorias que informavam as obras de interpretação da sociedade brasileira eram polissêmicas, o desfecho da ação também não configurou uma convergência para um mesmo partido ou uma mesma coordenação política. No quarto capítulo, "Crítica e mobilização", a autora mostra que a dispersão normalmente vista pelos intérpretes como sinal "de inconsistência teórica do movimento intelectual da geração de 1870" (ALONSO, op. cit, p.263) é, na verdade, resultado de sua marginalização em relação aos fluxos políticos institucionais e da ausência de unidade programática. O movimento reformista saído das entranhas da crise da sociedade imperial procuraria fora da esfera parlamentar os seus interlocutores e o seu público. Se a presença do pater família "retardou a autonomização de uma esfera pública" (IDEM, p. 75), não a inviabilizou, e foi exatamente nas fissuras do regime que se formou um micro-espaço público no qual a geração de 70 atuou especialmente nos anos 80 com diferenciadas estratégias que passaram pelo periodismo, pelos meetings, pelas cátedras, sociedades e clubes, etc., e que alargaram as sociabilidades políticas para além dos espaços institucionais previstos na ordem saquarema. Ponto alto da argumentação do livro, os intelectuais articulavam e definiam suas idéias em relação ao contexto histórico de crise no qual estavam inseridos e em relação ao pequeno espaço público que se formava nos centros urbanos. Não se tratam mais de elites encasteladas no Estado a girar entre si poderes, mandos e regras, mas de homens em busca de legitimação para os seus discursos e propostas.

O desfecho de todo o movimento, porém, mesmo com o advento da República, esteve bem aquém das intenções do movimento intelectual setentista: não houve subversão da ordem, mas rearticulação do próprio establishment na qual os critérios de inserção na vida pública por mérito continuaram em tensão estrutural com os critérios definidos pelo sistema de patronagem. Angela Alonso acredita que esse desfecho encaminhou, muitas vezes, a leitura dos intérpretes sobre a geração de 70 brasileira. O afastamento do debate político-partidário e a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1898, associação cujo objetivo precípua era afirmar profissionalmente o intelectual, cristalizou uma imagem da geração de 70 "animada por controvérsias puramente intelectuais" (IDEM, p.330). Mas essa imagem coloca em segundo plano as intenções políticas que nossa autora procurou mapear no livro aqui resenhado, além de separar os campos intelectual e político num momento em que isso não seria possível. O que talvez caiba indagar é se tal separação é interessante do ponto de vista do estudo das idéias na história em qualquer época. A autora afirma que esta separação só seria possível nas décadas seguintes, quando o espaço público nacional estaria melhor definido e organizado, afirmação que justificaria sua abordagem política e sincrônica do movimento setentista, mas que permite deduzir que sua abordagem talvez seja específica para o estudo dos movimentos intelectuais inseridos em contextos de indefinição de espaços públicos. Ocorre, no entanto, que as idéias se movimentam em relação à sociedade na qual se inserem e é esta dimensão fundamental que permite apontar os limites das interpretações que estudam movimentos intelectuais, ou elites intelectuais, como se queira, independente do diálogo com a sociedade. Não estou a advogar que a inserção social do autor explique suas idéias ou sua ação política, ou que um movimento intelectual se explique apenas pela origem social comum de seus representantes, mas sugiro a

relevância desta dimensão um tanto esquecida pela autora. Cabe destacar que Angela toca a questão afirmando a proximidade social, embora em relação de evidente marginalidade, dos grupos que estudou em relação ao círculo central de dominação saquarema, assim como a presença de homens de cultura de estratos sociais um tanto inferiores. Patrocínio é aqui um bom exemplo. Mas o que explica as interpretações da nação e as intervenções públicas do grupo de 1870, no seu entender, é apenas a situação de marginalidade política no âmbito da crise dos fundamentos da sociedade imperial quando, repito, esta é apenas uma das dimensões do movimento de 1870.

Todo texto, assim como as idéias nele contidas, é político, ou está sujeito a apropriação política, seja pela intenção do autor ou pela dos seus leitores e interlocutores. Mas a dimensão política dos textos não os torna eminentemente políticos, daqui a importância de se pensar o significado das idéias na história estabelecendo nexos entre o autor, sua trajetória intelectual e política, sua produção, seus interlocutores e público e seu contexto de origem e de atuação. O mapeamento da ação coletiva e política de uma geração permite vislumbrar em parte esses aspectos, e nossa autora não se furtou a essa tarefa. Mas como ela mesma afirmou o que esteve a buscar foi a sincronia fina da ação política conjuntural dos setentistas marcada pela crise dos fundamentos da sociedade imperial nos anos 70 e 80 do XIX nacional. Não há como deixar de apontar, no entanto, que os textos, as idéias neles elaboradas e propagandeadas pelas vias então disponíveis no micro-espço público que estava a se formar no Brasil, possuem dimensão de tempo longo, podem vir de inspirar homens de outros tempos, podem estar a migrar, a encontrar representantes em outros lugares e, muitas vezes, a estimular "processos materiais de mudança social" (Sérgio Buarque de Holanda, "Prefácio à segunda edição", *Visão do Paraíso*, S. P.: Brasiliense, 1996, p. XVIII). A idéia cara a Nabuco de uma elite e uma sociedade barbarizadas pela escravidão é tributária das propostas de José Bonifácio para o Brasil Independente, apenas para sugerir um exemplo que a própria autora lembra. O trabalho com o conceito de repertório que a autora desenvolve a partir de Charles Tilly, permite apontar, de novo, uma das dimensões dessa "migração das idéias", aquela que a vincula a processos políticos de crise conjuntural, mas há outras.

Na intenção de mapear outras dimensões cabe relevar neste pequeno texto a importância dos estudos de autores que Angela Alonso resume, um tanto apressadamente, como estudos de "rendimento cognitivo" (ALONSO, op. Cit., p. 337). André Rebouças, por exemplo, foi recentemente objeto de tese de doutorado defendida por Alexandro Dantas Trindade na qual sua atuação como burocrata do Estado, seu reformismo social e seu abolicionismo são considerados como posicionamentos que se explicam na vivência e no diálogo com a crise do escravismo e das instituições monárquicas. (Alexandro D. Trindade, *André Rebouças: da Engenharia civil à Engenharia social*, Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, Setembro de 2004) Tão pouco o Nabuco que se encontra nas páginas de Marco Aurélio Nogueira citado pela autora pode assim ser resumido. (Marco Aurélio Nogueira, *As desventuras do liberalismo. Joaquim Nabuco, a monarquia e a república*, R. J.: Paz e Terra, 1984)

Embora a intenção de Angela Alonso tenha sido circunscrever a ação coletiva do movimento setentista no contexto político da crise do Império, a sua pesquisa em torno do "repertório" ao qual recorreu o grupo permite vislumbrar a movimentação das idéias e sugerir "afinidades eletivas" (J. W.

Goethe, *Las afinidades electivas*, Barcelona: Icaria, 1967): uma confluência em torno do tema dos conteúdos e possibilidades da nação, da democracia, das formas de trabalho em relação às instituições políticas, tudo isso favorecido pelo contexto da crise social e política dos anos 70. A comuna de Paris, a experiência republicana espanhola, a primeira crise sistêmica do capitalismo decimonônico, as Conferências do Casino Lisboense, a experiência da primeira Internacional e os debates entre socialistas e anarquistas são condições históricas que seguramente configuram uma atração em torno de temas que, assim, podem prestar-se a "articulação recíproca" (Michael Lowy. "Sobre o conceito de afinidade eletiva", In: *Redenção e utopia*, S. P.: Cia das Letras, 1989). Podem, ainda, indicar o significado das idéias em relação aos lugares e grupos que delas se apropriam no tempo curto e sincrônico e, também, no tempo longo e diacrônico, no qual diferentes apropriações do discurso podem apontar significados diversos. Esta última e importante dimensão ficou um tanto eclipsada no livro aqui resenhado.

Nessa chave de compreensão que, repito, podemos encontrar na tecitura política que Angela Alonso alinhava para o movimento brasileiro de 70, Machado, Nabuco, Patrocínio no Brasil, ou Eça, Teófilo, Bordallo em Portugal, são, além de autores que dialogaram com o mundo nas últimas décadas do XIX, autores que o fizeram a partir do seu lugar, ou da sua circunstância. E foi essa condição de diálogo que marcou o movimento das idéias da geração de 70 e que a citação inicial de Machado bem apontou em 1873: são autores do mundo ocidental, mas essencialmente nacionais. É a dialética embutida nesta relação que encaminhou suas proposições públicas e ações políticas, mesmo quando sugeriram a singularidade da formação nacional. É ainda essa dialética que inspira a história social das idéias quando ela se propõe a compreender as "interpretações do Brasil" ou a "decifrar o enigma nacional". E esse foi, enfim, o desafio que Ângela Alonso enfrentou neste inspiradíssimo *Idéias em movimento – A geração de 1870 na crise do Brasil-Império*.